

## EM DEFESA DA “IGUALDADE DE OPORTUNIDADES”: O DISCURSO POLÍTICO ELEITORAL DE DILMA ROUSSEFF NA CAMPANHA PRESIDENCIAL DE 2010<sup>14</sup>

TERESINHA MARIA DE CARVALHO CRUZ PIRES

*Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais*

[pires@pucminas.br](mailto:pires@pucminas.br)

**Resumen.** El artículo describe y analiza como el discurso sobre la igualdad ha sido construido en el Horario Gratuito de Propaganda Electoral (HGPE) televisivo de la candidata Dilma Rouseff (PT), en 2010, en el primer turno. Buscarse investigar la narrativa televisiva electoral, en específico, el modo como es establecida una relación directa entre el gobierno lulista y el surgimiento de la “nova classe média”. En este momento, gana centralidad el examen de testigos y relatos biográficos de beneficiarios de la política de transferencia de renta y el encuadramiento que ha sido dado, en el HGPE, a la cuestión del trabajo. Por fin, es analizado un biogrfema de Dilma Rouseff vehiculado en su HGPE, considerado ejemplar del modo como la candidata construye el discurso de la igualdad y de su opción por los pobres. Para tanto, se adoptó la técnica de análisis de discurso.

*Palabras clave:* Discurso político electoral; Retórica en los medios de comunicación; Lulismo; Igualdad de oportunidades; Elección 2010.

**Abstract.** The article describes and analyzes how the discourse on equality has been constructed in the Free Schedule of Electoral Propaganda (HGPE) of the candidate Dilma Rouseff (PT), in 2010, in the first turn. Seek to investigate the electoral television narrative, specifically, the way in which a direct relationship between the Lula government and the emergence of the “new middle class” is established. At this moment, centrality is the examination of witnesses and biographical accounts of beneficiaries of the income transfer policy and the framework that has been given, in the HGPE, to the question of work. Finally, a biographeme of Dilma Rouseff is analyzed in the HGPE, considered an example of how the candidate builds the discourse of equality and her choice for the poor. Therefore, the technique of discourse analysis was adopted.

*Key words:* Electoral political speech; Rhetoric in the media; Lulism; Equal opportunities; Election 2010.

---

Recibido: 01/04/2016. Aceptado: 17/09/2018. ID 2908: <http://dx.doi.org/10.15304/marco.4.2908>

---

<sup>14</sup> Este artigo, em versão ampliada, foi apresentado no 36º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), no GT 21 “Mídia, política e eleições”, realizado em Águas de Lindóia – São Paulo, Brasil, em outubro de 2012.

## Introdução

Propõe-se, neste artigo<sup>15</sup>, tratar do modo como o discurso sobre a igualdade – definidor da posição política de esquerda na concepção de Norberto Bobbio (2001) – foi construído no Horário Gratuito Político Eleitoral (HGPE) televisivo da candidata Dilma Rousseff do Partido dos Trabalhadores (PT), em 2010, no primeiro turno. Nesse sentido, busca-se demonstrar como se trata do discurso da “igualdade de oportunidades” com centralidade na defesa da “oportunidade de inclusão produtiva”. Interessa-nos ainda discorrer sobre o modo como a candidata petista explicita e justifica sua opção pelos pobres e seu compromisso de campanha de um “Brasil sem Miséria”. Ruy Fausto (2011), com base em Bobbio<sup>16</sup>, sugere que, além da igualdade, outro critério importante deveria ser levado em conta ao se caracterizar a esquerda: sua preocupação com os pobres. Diz ele:

[...] Diante do critério da igualdade, poder-se-ia dizer que a preocupação em ajudar os mais frágeis aparece como um fim e a igualdade como um meio a serviço desse fim. Mas também se poderia dizer, ao inverso, privilegiando o lado objetivo, que o fim é a igualdade e que a melhoria da situação dos mais frágeis seria uma implicação dela, em termos de meios. Por outro lado, seria possível perguntar se o critério da igualdade conviria bem a todos aqueles que, pelo menos, se costuma incluir na tradição da esquerda. (Fausto, 2011: 2).

Tomando como ponto de partida tal formulação elaborada por Ruy Fausto, a análise é encaminhada no sentido de evidenciar o distinto *lugar de fala* de Dilma Rousseff com relação a Lula, especialmente no que se refere à sua preocupação com os mais pobres. Corroborando o que Fausto (2011) salienta acima – “seria possível perguntar se o critério da igualdade conviria bem a todos” –, Jorge Almeida (2002: 42) salienta de modo pertinente: “nem todas as estratégias discursivas são possíveis do mesmo modo, mas somente as que estão ‘autorizadas’”. A retórica adotada nas campanhas de Lula sempre foi a de que seu compromisso com os mais frágeis advinha, sobretudo, de sua extração de classe, e, portanto, de sua vivência, já, no caso de Dilma, como se verá adiante, a estratégia retórica foi a de realçar que sua compaixão pelos pobres resultaria de um dom natural e de um ideal moral.

Com vista a esses propósitos, o artigo foi assim organizado. De início, busca-se demonstrar como, a partir de 2002, presencia-se um deslocamento no discurso político eleitoral do Partido dos Trabalhadores (PT) no que se refere à igualdade, estabelecendo-se, assim, uma distinção relevante entre lulismo e petismo.

Em seguida, a proposta é evidenciar como o entendimento do discurso da “igualdade de oportunidades” no HGPE de Dilma Rousseff – e também da discussão sobre desigualdade no Brasil em 2010 – demandam a compreensão sobre o grande crescimento da classe C, considerada por alguns como uma nova “classe média popular”. Apropriando-se da proposta formulada por Peter Burke em seu livro “A fabricação do Rei: A construção da imagem pública de Luís XIV” a ideia é discorrer sobre a *fabricação* da “nova classe média”. Fabricação

<sup>15</sup> Disponível em: < [http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_view&gid=8086&Itemid=76](http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=8086&Itemid=76)>.

<sup>16</sup> Bobbio, Norberto. *Destra e Sinistra, ragioni e significati di una distinzione politica*. Roma: Donzelli Editore, Nova Edição, 1999.

entendida aqui, conforme propõe o autor, como designando um processo – e, portanto, não no sentido de advogar uma artificialidade do fenômeno em questão – que confere centralidade, sobretudo, ao âmbito da circulação midiática. Vale frisar, inspirada em Burke (1994), nesse momento, a intenção é focar no exame do HGPE televisivo de Dilma Rousseff como espaço privilegiado e relevante nesse processo de fabricação.

No HGPE televisivo de Dilma Rousseff – entendido aqui como tradução imagética do estudo, publicado em 2008, “A nova classe média”, coordenado por Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas –, busca-se demonstrar como a ascensão da “nova classe média”, com a retomada do crescimento econômico, deveria ser vista como uma confirmação da redução da desigualdade brasileira propiciada pelo governo lulista por meio de sua bem-sucedida política de transferência de renda, sobretudo, pelo Bolsa Família e pelo microcrédito, que permitiram a recuperação do mercado de trabalho, em particular a da ocupação. Entre as ocupações, é dado destaque para o empregado com carteira de trabalho assinada e para aquelas pessoas que trabalham por conta própria, empreendedores. Assim, neste artigo, são analisados testemunhos e relatos biográficos da “gente guerreira” – designação atribuída aos beneficiários da política de transferência de renda do governo que ascenderam à “nova classe média” –, a intenção é apresentar a percepção – publicizada pelo HGPE de Dilma e, portanto, com seus critérios próprios de edição – desses “guerreiros” sobre o que representou para sua vida a oportunidade de ingresso no mercado de trabalho, de ocupação propiciada pelos projetos sociais do governo Lula.

Importa ressaltar que, em 2010, um novo estudo coordenado por Marcelo Neri foi publicado: “A nova classe média. O lado brilhante dos pobres”. Nele são apresentados dados sobre o peso político e o crescimento, com relação ao consumo, da “nova classe média”, dados esses que justificam plenamente os discursos pró-consumo presentes no HGPE e o alinhamento da campanha com as expectativas do eleitorado:

Os 94,9 milhões de brasileiros que estão na nova classe média correspondem a 50,5% da população. Isto significa que a nova classe média brasileira não só inclui o eleitor mediano tido como aquele que decide o segundo turno de uma eleição, mas como que ela sozinha poderia sozinha decidir um pleito eleitoral. Complementarmente, esta também é a classe dominante do ponto de vista econômico, pois concentra mais de 46,245 do poder de compra dos brasileiros em 2009 (era 45,66% em 2008) superando as classes AB, estas com 44,12% do total de poder de compra”. (Neri, 2010: 14, grifos nossos).

Por último, apresenta-se uma análise do HGPE de Dilma tendo como foco a retórica midiaticizada do discurso da igualdade de oportunidades e da opção pelos pobres.

Assim, com o propósito de examinar o enquadramento dado, no HGPE televisivo noturno de Dilma, à questão do trabalho, o *corpus* de análise foi constituído intencionalmente. Sendo composto por 20 programas exibidos no período de 17 de agosto a 30 de setembro de 2010 – que abrange o 1º turno da eleição.

## O deslocamento do discurso político eleitoral sobre a igualdade: do petismo ao lulismo

Na visão de Miguel (2006)<sup>17</sup>, um ponto central a ser levado em conta na campanha presidencial de 2002, é o fato de que, naquele momento, o Partido dos Trabalhadores (PT) “abandonava a defesa da igualdade substantiva para promover a ‘igualdade de oportunidades’”(Miguel, 2006: 46). Ou seja, passa-se de uma concepção de igualdade, na perspectiva do igualitarismo, para outra própria ao liberalismo. Bobbio (2000) entende que, no igualitarismo, propugna-se uma igualdade em termos dos pontos de chegada ou dos resultados – uma igualdade econômica, ao passo que, no liberalismo, defende-se uma igualdade dos pontos de partida, ou das oportunidades:

[...] A oposição que apresentei aqui, como oposição entre igualdade de pontos de partida e igualdade de pontos de chegada, foi também apresentada como oposição entre igualdade de oportunidades e igualdade de resultados, e considerada como representativa da oposição entre uma concepção individualista e pluralista e uma concepção solidária e comunitária da sociedade. (Bobbio, 2000: 301-302, grifos nossos).

De acordo com Miguel (2006), o que se presencia, a partir de 2002, é uma significativa e “reveladora” mudança no projeto político e no discurso do PT; passa-se à exaltação do indivíduo em vez do grupo, do coletivo, e, assim, o discurso de “igualdade de oportunidades” pode ser claramente observado:

[...] O Lula que se orgulhava de sua condição de integrante da classe trabalhadora, o Lula que era povo, “gente como a gente”, foi transformado no “vencedor” que veio de baixo e subiu na vida. [...] “Sempre enfrentei desafios na minha vida desde o dia em que nasci e sempre consegui vencer todos, um a um” sintetizou o candidato, no discurso de encerramento da campanha no segundo turno (programa de 20/10 e reprisado em 22/10). [...] (Miguel, 2006: 45).

De modo muito interessante, é possível observar que se Miguel aponta, em 2002, a adoção por Lula do discurso daquele que subiu na vida – reconhecido como político influente – por mérito próprio e o abandono da defesa do coletivo, Denise Paraná, em seu livro “Lula, o filho do Brasil” (2002)<sup>18</sup>, examina justamente o contrário: como Lula teve de abandonar, na década de 1970, seu projeto pessoal de “subir na vida” em prol de um projeto coletivo, na visão da autora, uma passagem da “cultura da pobreza” para a “cultura da transformação”. Em certo trecho do livro, no qual ela apresenta suas reflexões sobre as histórias de vida coletadas com Lula e seus irmãos, a autora salienta:

[...] Lula, o eterno caçula de dona Lindu, foi, como sabemos, o único que ainda adolescente teve a possibilidade de estudar para tornar-se um operário especializado. Enquanto os irmãos mais velhos trabalhavam quase diuturnamente para garantir minimamente

<sup>17</sup> Cabe salientar que este artigo busca estabelecer um diálogo com o instigante texto de Luis Felipe Miguel intitulado “A palavra ‘aperfeiçoada’, o discurso do Partido dos Trabalhadores nas eleições de 2002” (2006).

<sup>18</sup> Livro publicado pela Editora Fundação Perseu Abramo, entidade criada e mantida pelo PT, no ano da primeira eleição vitoriosa de Lula e resultado da tese de doutorado em Ciências Humanas defendida pela autora na USP, em 1995.

o sustento familiar, Lula trabalhava, mas também estudava. Assim, no futuro, depois de formado e como homem adulto, ele seria um trabalhador qualificado respeitável, um orgulho para si e para toda a família, vestiria com satisfação um uniforme de trabalho com a marca de uma grande empresa estampada no peito, receberia o que para eles se apresentava como um fantástico salário e seria reconhecido por seus pares como vencedor. Seria uma forma de promover a simbólica ascensão social de toda a família. Sem poder imaginar que o futuro lhe reservava um caminho bem diverso deste de operário qualificado – que, por vias diferentes, também iria significar ascensão social –, Lula, durante muitos anos, simplesmente acalentou a esperança de tornar-se operário especializado que pudesse gozar da estabilidade de um “bom emprego” em uma grande indústria metalúrgica e poder criar seus filhos ao lado de sua esposa, sossegadamente, até envelhecer e aposentar-se, como tantos outros trabalhadores que conhecera e admirara. Este era seu projeto de vida. mais que um simples projeto, era projeto de quem “venceu na vida”. Novamente encontramos aqui mais um elemento que poderia ser caracterizado como da cultura da pobreza: a crença numa saída individualista para um problema que, estruturalmente, era social, não individual. Mas, Lula nessa época, ainda não tinha consciência de que uma resposta mais consciente e efetiva a este problema poderia vir por intermédio da organização coletiva dos trabalhadores, não da mera competição profissional e pessoal entre eles. Passar deste grau de compreensão para outro, concebendo a organização coletiva como resposta aos problemas coletivos, seria, como vimos em Lewis<sup>19</sup> no capítulo anterior, cruzar os limites da cultura da pobreza.” (Paraná, 2002: 412).

De modo oportuno, na apresentação do livro de Paraná (2002), Antonio Candido destaca como a obra elucida a formação do Partido dos Trabalhadores, “que a autora vê como sendo, em parte, decorrência da dinâmica de grupos economicamente e socialmente marginalizados, que procuram retificar a sua posição pelo esforço dos seus elementos mais conscientes.” (Candido, 2002: 14). Assim, para Denise Paraná, apenas Lula e seu irmão Frei Chico, militante do Partido Comunista Brasileiro e torturado pela ditadura, teriam saído da “cultura da pobreza”.

Entretanto, o que se observa em 2010, no HGPE de Dilma, é um novo e significativo deslocamento no âmbito do próprio discurso da “igualdade de oportunidades”: Lula recupera o seu discurso de como “subiu na vida”, de quando ainda estava imerso, segundo Paraná (2002), na “cultura da pobreza”. Ou seja, atribui à sua capacitação como torneiro mecânico o fato de “ser alguém na vida”. No programa do dia 24 de agosto, Lula diz: “Quando eu recebi o diploma de torneiro mecânico do Senai, eu nunca esqueci aquele dia. Foi uma alegria imensa. É como se eu tivesse provando pra minha mãe e pra mim mesmo que eu podia ser alguém na vida” (sic). Como se verá adiante, tal manobra discursiva pode ser vista como uma estratégia de legitimar a centralidade conferida pelo governo à qualificação, como possibilidade de “subir na vida”.

Interessa-nos ainda salientar como o artigo de Miguel (2006) possibilitou-nos visualizar uma evolução significativa – tanto em nível do enunciado quanto da enunciação – na elaboração do discurso de “igualdade de oportunidades” de 2002 para 2010.

19 A autora se refere aqui ao antropólogo norte-americano Oscar Lewis e sua obra *Os filhos de Sánchez, La vida e Antropologia de la pobreza*.

## De acordo com Miguel (2006)

a oportunidade se tornou o mantra da campanha; resumido em poucas palavras, o projeto que o partido apresentava para o Brasil era “oportunidade para todos”. Uma das razões da criminalidade, dizia o candidato, era “a falta de oportunidade (programa de 27/8). Ele também lamentava que tantos jovens deixavam o campo, rumo à cidade grande, sem “conseguirem uma oportunidade” (programa de 31/8). Por isso, sintetizava Lula, “quero ser o presidente da esperança, da fartura, da justiça e da oportunidade para todo brasileiro” (programa de 31/8). (MIGUEL, 2006: 47, grifos nossos).

Nessas passagens dos discursos de Lula, chama-nos a atenção o tom de lamento com relação à situação econômica e social do país, bem como a “oportunidade para todos” como uma promessa. Miguel (2006) menciona que uma das peças chave da campanha, no HGPE, é encenada por um jovem ator, em tom arrebatado que narra a trajetória de um menino pobre:

Eu acabei de entrar pra faculdade. Não foi fácil, mas eu consegui e agora eu tenho uma oportunidade. Nada nunca foi fácil para mim. Eu estudei em escola pública, fui criado pela minha mãe, nunca tive pai, nunca tive nada. Minha mãe mal sabe ler, mas confia em Deus e em mim e eu vou realizar os seus sonhos, custe o que custar.

Mas quantos iguais a mim, melhores do que eu, mais inteligentes do que eu, nunca tiveram oportunidades na vida? Estão nas ruas, nas drogas, no crime! Ninguém nasce mau. Ninguém nasce bandido. É tudo uma questão de oportunidade, oportunidade! O jovem da favela também quer ter um tênis novo, uma camisa nova e o direito de sonhar como todo mundo

Este é o país de todos, de todos! Meu nome é João, eu sou brasileiro, amo o meu país! [...] (programa de 24/8; o discurso foi reprisado em 24/9). (Miguel, 2006: 47, grifos nossos).

Em relação a esse fragmento do HGPE, Miguel (2006) tece as seguintes considerações:

[...] o tema da “oportunidade” pode ser entendido como sendo a extensão a todos das condições materiais mínimas para o exercício da cidadania. O discurso de Lula e do PT na campanha de 2002 seguramente indica essa direção. Mas, ao colocar a questão em termos de “oportunidades”, o problema da igualdade substantiva fica eliminado e está aberto o espaço para uma visão competitiva das relações sociais. O discurso do rapaz apresenta como ideal uma situação em que o Estado deve prover as oportunidades – em particular a educação – para que cada pessoa busque no mercado, simbolizado pelo tênis e camisa novos, a sua realização. (Miguel, 2006: 48, grifos nossos).

Naquele momento, como sublinha Miguel (2006), o discurso da “igualdade de oportunidades” era indicativo apenas de uma direção a ser tomada pelo governo Lula que ora se iniciava. Neste artigo, objetiva-se examinar como esse discurso se apresentou oito anos depois. Como se verá mais adiante, algumas diferenças já se fazem notar. Em 2002, é um ator que faz as vezes de um brasileiro que subiu na vida e responde apenas pelo nome de João. Em 2010, no HGPE de Dilma, não se recorre a atores; são brasileiros apresentados

como àqueles que “teriam subido na vida” que aparecem com nome, sobrenome e profissão. Em 2002, o consumo almejado era um tênis novo e uma camisa nova. Em 2010, os bens de consumo conquistados são casa, eletrodomésticos, carro, computador, moto, etc. Obter uma vaga na universidade era considerado difícil para um jovem de origem pobre. Em 2010, o Prouni. Em 2002, a confiança na possibilidade de mudança é creditada à própria pessoa e a Deus – como diz João no trecho acima: “Minha mãe mal sabe ler, mas confia em Deus e em mim e eu vou realizar os meus sonhos, custe o que custar” – ao passo que, em 2010, os “guerreiros” – que dão depoimentos nos programas se mostram gratos ao governo por os auxiliarem na realização de seus sonhos. Como se verá adiante, o discurso é encaminhado no sentido de demonstrar os avanços do governo Lula com relação à defesa da “igualdade dos pontos de partida”, aludida por Bobbio (2000).

### O surgimento da “nova classe média” na narrativa televisiva eleitoral

No terceiro programa televisivo do HGPE de Dilma Rousseff, veiculado no dia 21 de agosto de 2010, é apresentada a versão eleitoral sobre o surgimento da “nova classe média”, como resultado da opção, no governo Lula, pelos mais pobres:

**Locutor:** Antes do Lula parece que a economia ia para um lado e o povo para outro. Quando se encontravam, o povo era quase sempre atropelado. Com Lula e Dilma, tudo mudou. O social e o econômico viraram face de uma mesma moeda.

**Locutora:** E o Brasil aprendeu a crescer com inclusão social e distribuição de renda. Com Lula e Dilma, cada avanço social significa um avanço econômico e cada avanço econômico significa um avanço social. Veja alguns exemplos de como foi, de como está sendo e como será.

**Dilma:** Neste governo nós articulamos vários programas e, assim, reduzimos a pobreza, garantimos mais saúde e educação para as famílias. Aumentamos a produção e o consumo e geramos milhões de empregos. É essa a grande transformação que está movendo o novo Brasil.

**Locutora:** Uma fábrica em São Paulo, uma colônia de pescadores de General Sampaio do interior do Ceará. Como vem acontecendo em todo o Brasil, essas realidades, antes distantes, começaram a se aproximar quando Lula articulou programas como o Bolsa Família, o Luz para Todos, e o Saúde da Família. E não parou aí. As crianças ganharam transporte da zona rural até a escola. A escola ganhou computação e merenda farta. E os adultos, financiamento agrícola que gerou emprego e renda.

**Filomeno de Araújo Neto** (Presidente da Associação dos Piscicultores. Colônia de Pescadores de General Sampaio, Ceará): Antes a oportunidade era quase zero. Hoje todo mundo trabalha, tem o saláriozinho fixo por mês.

**Locutor:** Essas ações articuladas mudaram a vida em General Sampaio e em milhares de cidades no Brasil.

**Francisco Pinho** (comerciante): Pessoas que, às vezes, deixavam para comprar só o necessário, feijão, arroz, hoje não, já passam a comprar o biscoito, a bolacha cream craker.

**Lula:** A gente sabia, desde o início, que ajudando os mais pobres, a gente ia mexer de forma muito positiva com toda a sociedade. E ia mover toda a economia. Ou seja, pra

mudar rapidamente o Brasil era preciso começar pela base.

**Locutora:** o que o presidente diz, Honório Pinheiro, atacadista de Fortaleza, confirma:

**Honório Pinheiro:** Há uma mudança de consumo nos mercados das classes C, D e E, que antes não consumiam produtos como iogurtes, higiene pessoal e agora eles passaram a consumir.

**Locutora:** Hoje, graças a esse aumento de consumo, fábricas de todo o país, como esta de São Paulo, aumentaram a produção e passaram a gerar mais empregos.

**Paulino Trifapepe Neto** (diretor da fábrica de biscoitos Dunga): Estamos instalando equipamentos novos. Então, nós temos uma grande expectativa de aumento de consumo e, em termos de biscoitos, a maior concentração de consumo é no Nordeste.

**Locutor em off com pictogramas:** Como Lula e Dilma, os programas funcionam de forma articulada. O Bolsa Família transferiu renda aos mais pobres. O mínimo teve reajustes bem acima da inflação. Os salários aumentaram. A luz elétrica chegou a todo o campo. E programas como o PAC criaram milhares de empregos. A renda do povo subiu [ilustração motoqueiro]. O governo tirou impostos de vários produtos [ilustração geladeira]. E a economia cresceu (ilustrações de trator, carro, moto, geladeira) gerando mais empregos, mais renda e mais consumo. Foi assim que 31 milhões de brasileiros entraram para a classe média. 24 milhões saíram da linha de pobreza. E 14 milhões conquistaram um emprego [ilustração da Carteira de Trabalho e Previdência Social]. Hoje, desenvolvimento econômico e social andam lado a lado, mudando a vida dos brasileiros. (HGPE 21/08).

Observa-se, nesse discurso, uma proposta de inclusão pelo consumo. Aos locutores parece ter sido atribuída a função estratégica de buscar universalizar o discurso de modo a não restringi-lo a contextos específicos, como as diversas falas poderiam dar a entender. Também chamou-nos a atenção a profusão de imagens que pontuam tal discurso, “a imagem (e não o conteúdo, o discurso argumentativo das promessas e projetos) é o elemento posto em primeiro plano, o que acarreta o primado da midiaticização [...] na condução do processo político.” (Sodré, 2006: 165).

Por fim, cabe apresentar o depoimento do casal Leonídio Carvalho (pedreiro) e Sandra Carvalho (diarista), que ilustra bem a presença de uma visão de que o trabalho leva à aquisição de bens materiais e ao sucesso. O casal relata como “subiram bastante na vida”, a partir de 2004, e revela a sua crença de que, com esforço próprio, podem conseguir tudo de que precisam:

**Leonídio:** Eu saí da Bahia com 16 anos e vim para São Paulo [cena de uma favela] sonhando em ter as coisas porque lá não tinha. Ralei, ralei a vida todinha e não consegui nada não.

**Sandra:** Eu trabalhava em firma, trabalhava em confecção e aí caiu o serviço, aí fui mandada embora, aí eu fiquei nessa vida de diarista direto.

**Leonídio:** Mulher trabalhando de diarista e me dando comida. Eu fiquei em casa um tempão porque a mulher que segurou muito tempo, a filha pequena. De uns seis anos pra cá o negócio melhorou. Comecei a construir com o saco de cimento era uns R\$ 25. Com o presidente Lula eu cheguei a pagar R\$ 9. E o emprego estava aí na minha porta

me procurando. Os caras me procuravam todo dia para trabalhar. Eu tinha como construir, como melhorar a situação. E de lá pra cá eu não parei mais, só crescendo graças a Deus, só crescendo e o serviço sobrando. Agora eu não estou dando conta mais. A pessoa constrói, o pessoal constrói, tá aí subindo [diz olhando para um bairro no qual várias casas estão sendo construídas].

**Sandra:** Você não podia sonhar alto assim porque não dava. Hoje todo mundo faz prestação. Tudo que eu sonho, mesmo se não der pra comprar à vista, eu compro, eu parcelo.

**Leonídio:** Nós temos geladeira, nós temos fogão novo, nós temos microondas, nós temos móveis novos [aparece o exterior da casa ainda sem acabamento]. Eu tenho um carro razoável, não é um carro de primeira [cena de seu Gol], mas é um carro completinho que trabalha todo dia e não me faz vergonha. A minha filha tem computador, notebook. Para uma pessoa que não tinha nada, já tem luxo, né? Do Lula pra cá melhorou muito pra mim, muito, muito, subi bastante. Eu quero que siga igual está aí. Eu vou trabalhar todo dia com saúde. Eu e minha mulher que nós consegue tudo que nós precisamos (sic).” (HGPE 31/08).

Nesse depoimento, chama-nos a atenção o fato de Leonídio mencionar que seu carro não lhe faz vergonha e que, agora, já tem luxo, ou seja, como bem sugere Néstor Canclini (1995, p.66), o consumo, nesse caso, para além da posse de bens materiais, deve ser visto como “distinção com outros, como [posse] de bens que proporcionam satisfações biológicas e simbólicas, que servem para enviar e receber mensagens”. Considera-se também muito significativas as falas de Leonídio e Sandra. Maciel (2006) menciona que “trabalhando na pesquisa ‘A construção social da subcidadania’, coordenada pelo professor Jessé Souza [...] pude observar a crença generalizada na ideologia do mérito capitalista. [...] [os] perfis mais desprestigiados são exatamente aqueles que apresentam os maiores índices de crença na competência individual para o alcance de sucesso na vida”.

Nesse sentido, ocorre-nos se, para Leonídio e Sandra, o consumo não seria uma forma de obtenção de respeito. Referindo-se ao conceito de “respeito atitudinal” de Taylor, o autor complementa: “sendo assim, considerando a centralidade do trabalho em nossa vida, aqueles que não possuem uma profissão intersubjetivamente classificada como digna carecem de tal respeito, que é fundamental para a auto-estima e segurança ontológica”. (Maciel, 2006: 304).

### **Oportunidades de inclusão produtiva: qualificação e microcrédito**

No estudo de Neri (2008), a Carteira de Trabalho assinada é apresentada como símbolo da nova classe média:

[...] Muito se tem falado desta década em termos de redução de desigualdade (desde 2001) e de pobreza (desde 2004), ênfase foi dada ao papel das transferências de renda oficiais aos mais pobres, mas pouco aos avanços estruturais decorrentes da expansão trabalhista observada em todos os segmentos da sociedade. Desde o final de 2006 até agora acontece aumento da renda do trabalho em geral e da geração de empregos for-

mais em particular. Isto é, desde o último retrato estatístico do Brasil pintado com as tintas da PNAD 2006, o que se destaca agora é a geração de renda do trabalho. [...]. (Neri, 2008: 7-8).

O trabalho e os negócios são apresentados como a possibilidade de ascensão social. Neri (2008) recorre a Thomas Friedman e a seu best-seller “O Mundo é Plano: uma breve história do século XXI”, publicado em 2005, para apresentar sua definição do que venha ser classe média. Friedman, diz ele:

define classe média como aquela que tem um plano bem definido de ascensão social para o futuro. Esta fábrica de realização de sonhos<sup>20</sup> individuais é motor fundamental para a conquista da riqueza das nações. O combustível é o anseio de subir na vida já o lubrificante seria o ambiente de trabalho e negócios. (Neri, 2008: 6).

No HGPE de Dilma, do dia 2 de setembro, no quadro “Brasil dos Recordes”, um locutor anuncia em *off*: “Só este ano, o governo Lula já gerou mais de 1 milhão e seiscentos mil empregos. Se continuar neste ritmo, 2010 vai ser o ano em que o país mais gerou empregos na história”. Entretanto, para além desse número, chamou-nos a atenção o modo como as pessoas que conseguiram emprego com carteira assinada foram representadas (Fig. 1).

Em uma tela dividida em quatro partes, são exibidos pictogramas, representando uma mulher, um agricultor, um empregado do setor de serviços e um empregado da construção civil, por exemplo. Todos sorridentes fazendo gestos de vitória, premiados com medalhas de ouro, ao som da famosa vinheta Brasil-sil-sil<sup>21</sup>, ou seja, apresentados como campeões de uma grande competição.

De modo interessante, o dicionário Houaiss<sup>21</sup> atribui ao termo “campeão”, em sentido figurado, o seguinte significado: “aquele que se destaca por fazer algo de maneira melhor ou em quantidade maior que os demais”<sup>22</sup>.

Das quatro representações, apenas no pictograma do agricultor não aparece a Carteira de Trabalho, o que nos sugere a centralidade conferida à geração de empregos com carteira assinada, mas também a valorização do empreendedorismo, no caso, simbolizado pelo pictograma simbolizando os empreendedores rurais – beneficiados com o microcrédito – que também tiveram destaque no HGPE.

20 No primeiro programa do primeiro turno: “Vamos para frente que o Brasil mudou. Tá bem melhor. /Vamos realizar nossos sonhos” [jovem mulher em frente a uma banca de artesanato].

21 Foi consultada a versão eletrônica disponível no site do UOL.

22 Embora no HGPE não tenha sido tratada, explicitamente, a extensa jornada de trabalho dos “guerreiros” Souza (2010) ressalta as jornadas de até 14 horas e a “ética do sacrifício” – em substituição a “ética do trabalho”, que caracteriza os batalhadores. Esta questão será retomada adiante.

**Figura 1. Brasil dos Recordes**



Fuente: HGPE 02/09/2010

Souza (2003), em seu instigante artigo intitulado “(Não) reconhecimento e subcidadania ou o que é “ser gente”?”<sup>23</sup>, auxiliou-nos na melhor compreensão do discurso da “igualdade de oportunidades de inclusão produtiva” e do que viria ser “Gente Guerreira” no âmbito do discurso político-eleitoral de Dilma Rousseff de 2010. Nesse texto, o autor propõe a adoção da noção de Reinhardt Kreckel<sup>24</sup> de “ideologia do desempenho” e esclarece:

Kreckel chama de “ideologia do desempenho” a tentativa de elaborar um princípio único, para além da mera propriedade econômica, a partir do qual se constitui a mais importante forma de legitimação da desigualdade no mundo contemporâneo. A ideia subjacente a esse argumento é que teria que haver um “pano de fundo consensual” (*Hintergrundkonsens*), acerca do valor diferencial dos seres humanos, de tal modo que possa existir uma efetiva – ainda que subliminarmente produzida – legitimação da desigualdade. Sem isso, o caráter violento e injusto da desigualdade social se manifestaria de forma clara e a olho nu. (Souza, 2003: 65).

O autor ainda elucida que, para Kreckel, a “ideologia do desempenho” se baseia na “tríade meritocrática”: qualificação, posição e salário. E que desses

<sup>23</sup> Agradeço a André Caetano a indicação preciosa deste artigo e a proveitosa conversa sobre este fenômeno da “nova classe média”.

<sup>24</sup> Kreckel, Reinhardt. *Politische Soziologie der sozialen Ungleichheit*. Frankfurt; Campus, 1992: 67-106.

a qualificação, refletindo a extraordinária importância do conhecimento com o desenvolvimento do capitalismo, é o primeiro e mais importante ponto que condiciona os outros dois. A ideologia do desempenho é uma “ideologia” na medida em que ela não apenas estimula e premia a capacidade de desempenho objetiva, mas legitima o acesso diferencial permanente a chances de vida e apropriação de bens escassos. Apenas a combinação da tríade da ideologia do desempenho faz do indivíduo um “sinalizador” completo e efetivo do “cidadão completo (*Vollbürger*). A tríade torna também compreensível por que apenas através da categoria “trabalho” é possível se assegurar de identidade, auto-estima e reconhecimento social. Nesse sentido, o desempenho diferencial no trabalho tem que se referir a um indivíduo e só pode ser conquistado por ele próprio. Apenas quando essas pré-condições estão dadas pode o indivíduo obter sua identidade pessoal e social de forma completa. (Souza, 2003: 65, grifos nossos).

No HGPE de Dilma Rousseff, foi possível visualizar a centralidade conferida pelo governo à qualificação. Em 2008, foi criado pelo governo federal – por meio dos ministérios do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, do Trabalho e Emprego e do Turismo, em conjunto com os governos estaduais e municipais, empresários e trabalhadores – o Plano Setorial de Qualificação Profissional (Planseq), direcionado aos beneficiários do Bolsa Família, que recebeu, sugestivamente, o nome fantasia de “Próximo Passo” – ou seja, passo seguinte que os beneficiários do Bolsa Família deveriam dar. O programa do dia 26 de agosto confere centralidade ao programa Bolsa Família e ao plano Próximo Passo. O quadro “Brasil dos Recordes” deste dia é reservado ao sucesso do Bolsa Família:

**Locutor:** Criado em 2004, o Bolsa Família é hoje o maior programa de transferência de renda do mundo. Ele beneficia 12,5 milhões de famílias e seu modelo foi adotado em 18 países. Por isso, Dilma vai cada vez mais fortalecer o Bolsa Família. Com ele, nos tornamos o líder mundial no combate à fome e à desnutrição. É o Brasil batendo mais um recorde.

De modo muito interessante, neste dia observa-se claramente a intenção de mostrar que o sucesso maior do Bolsa Família residia no fato de que, com o Próximo Passo, com a qualificação, as pessoas estavam devolvendo o benefício do governo:

**Locutora:** Que o Bolsa família é o primeiro passo para uma vida melhor, isso não há nenhuma dúvida.

**Locutor:** A prova disso é que mais de dois milhões de famílias já se desligaram do programa porque conseguiram aumentar sua renda. E com o programa Próximo Passo muita gente está seguindo o mesmo caminho. (HGPE 26/08, grifos nossos).

Nesse sentido, é apresentado um relato muito significativo de Luana Paranhos sobre sua percepção desse programa:

**Locutora em off** [imagem de Luana se deslocando da favela onde mora]: Criado por Lula, o programa Próximo Passo oferece cursos de capacitação para beneficiários do Bolsa Família. Eles aprendem uma profissão e passam a caminhar sem ajuda do governo.

**Luana Paranhos:** Fiquei três anos e meio recebendo o Bolsa Família, que me ajudou muito. E eu fiquei sabendo do curso através do próprio Bolsa Família. Quando a gente vai na lotérica e saca, no papelzinho do canhoto sempre estava aparecendo onde fazer o curso, como entrar em contato e eu fiquei sabendo que perto da minha casa iria iniciar um curso de elétrica, pedreiro e eu me interessei (sic.).

**Locutora:** Luana foi aluna do Próximo Passo. Hoje, ela também caminha sem a ajuda do Bolsa Família.

**Luana:** [com macacão e capacete]: Está totalmente diferente a minha vida. Estou me esforçando agora nesses 24 anos [de mãos dadas caminhando em seu bairro com duas crianças menores] para quando eu tiver com uns 34 e eu tiver mais folgada e ter mais tempo para os meus filhos e dar uma condição melhor, né? Prá mim e prá eles também. O importante é que eu estou conseguindo guardar dinheiro para logo, logo, fazer outro curso. (HGPE, 26/08, grifos nossos).

Interessa-nos destacar nessa narrativa de Luana Paranhos a centralidade conferida por ela à capacitação e sua clareza sobre a importância e a necessidade de poupar dinheiro – como salienta Souza (2010: 50): “sua extraordinária capacidade de poupança e de resistência ao consumo imediato” – para investir em mais qualificação para, num prazo de dez anos, poder trabalhar menos e poder dedicar-se mais a seus filhos – “ter tempo” – e alcançar melhores condições de vida para eles e para si própria. Assim, considera-se que ela – gente guerreira – ilustra tanto o conceito de “classe média” apresentado por Neri (2008: 6) com base em Thomas Friedman, no sentido de que ela apresenta “um plano bem definido de ascensão social para o futuro” quanto a noção de “ideologia do desempenho”: para ela a capacitação se apresenta como única possibilidade. Ainda, nesse trecho, cabe sublinhar a reiteração, pela locutora, da informação de que o programa “Próximo Passo” faz com que os beneficiários do Bolsa Família aprendam uma profissão e devolvam o benefício e “pass[em]a caminhar sem ajuda do governo”.

No HGPE do dia 14 de setembro, o argumento da necessidade de capacitação é retomado – de modo interessante, em determinado momento, é exibida uma imagem de Luana Paranhos intercalando a fala do locutor – e enriquecido com o relato de Airton Rabelo, pedreiro:

**Locutor:** Dilma também vai expandir os programas de capacitação profissional. Em especial, o programa Próximo Passo que ensina uma profissão a beneficiários do Bolsa Família e tem mudado a vida de muita gente.

[cena com imagem de Luana Paranhos]

**Locutor:** Um dia, Airton Rabelo, mineiro de Contagem, precisou recorrer ao Bolsa Família.

**Airton Rabelo:** Eu me emociono quando eu falo [cena do interior da cozinha de sua casa, ainda sem reboco nas paredes, com geladeira e sob a pia um pano amarrado no lugar de armários] – porque, às vezes, eu queria pegar dinheiro emprestado pra comprar arroz e feijão. Ai, no Bolsa Família, eu pude ver que eu tenho alguém que me ama [cena da esposa penteando o cabelo do filho] que é o meu país. E é um direito que eu tenho para alavancar a minha vida.

**Locutor:** Depois, Airton fez o curso do Próximo Passo [imagem de Airton, de macacão

e capacete, construindo uma casa], tornou-se pedreiro, abriu mão do Bolsa Família e construiu uma nova vida.

**Airton Rabelo:** Hoje, eu toco obras, tenho o meu carrinho, adquiri dois lotes no município de Joatuba. Eu gostaria que continuasse isso porque eu tenho uma menina fazendo Direito, advogada, e porque eu ganhei a bolsa de estudo dela. Por que eu ganhei a bolsa de estudo? Eu procurei saber. O Brasil investe em nós, o Brasil é o Brasil. Hoje, tenho uma filha fazendo Direito. Quer dizer, eu vou ter uma história bonita para contar para os meus netos um dia. Não aquele sofrimento que meus avós contavam.

**Locutor:** Airton sabe: com Dilma, o Brasil vai continuar sendo um país mais justo.

**Airton Rabelo:** Eu passo por luta, mas tranquilo e rindo porque eu sei que o amanhã é melhor. [cena de Airton em um quarto de sua casa ao lado da esposa e de seus quatro filhos] A Dilma, pra mim, é a cara do Brasil. Ela vai alavancar o Brasil igual o Lula está fazendo. (HGPE 14/09, grifos nossos).

É muito interessante observar nessa fala de Airton Rabelo como ele percebe o Bolsa Família como sinal de amor – como se verá adiante, Dilma adota o termo “respeito” – por parte do governo com os mais pobres, mas também como um direito social (e não como uma esmola). Mendonça (2011: 68) lembra que, segundo Hegel, os direitos é um dos domínios no qual o reconhecimento se constrói: “Os *direitos*, por sua vez, garantiriam uma universalização da dignidade, fomentando o *autorrespeito*, na medida em que possibilitam aos sujeitos ver-se como dignos do mesmo respeito que os demais”.

Também chamou-nos a atenção, particularmente na fala de Airton, o seguinte trecho: “Eu passo por luta, mas tranquilo e rindo porque eu sei que o amanhã é melhor (sic)”. E pode-se dizer que, para ele, o futuro seria melhor porque “Hoje tenho uma filha fazendo Direito. Quer dizer, eu vou ter uma história bonita para contar para os meus netos um dia. Não aquele sofrimento que meus avós contavam”. A menção feita por Airton à experiência de sofrimento de seus avós, à sua luta e sua expectativa de um futuro melhor lembrou-nos da análise elaborada, com propriedade, por Jessé Souza sobre o que ele denominou de “capital familiar”, consubstanciada “na transmissão efetiva de uma ‘ética do trabalho’” (Souza, 2010: 51). De acordo com o autor:

A projeção de um futuro melhor para os filhos notada na nova classe trabalhadora brasileira é algo próximo ao que Bourdieu percebeu em relação à pequena burguesia francesa em suas pesquisas apresentadas em *A distinção*. Ao observar que, em sua existência, o indivíduo não poderá ir além de determinado status na hierarquia social, ele faz o possível para projetar ao máximo seus filhos no sentido da ascensão social desejada [...]. (Souza, 2010: 104).

De modo muito pertinente, Souza (2010) dá prosseguimento a essa sua reflexão retomando o ponto que perpassa todo seu livro:

Que parte significativa do aprendizado utilizado no trabalho pelos batalhadores advém da experiência prática que eles têm ao longo de sua vida, tendo início nos valores elementares que incorporam na família, geralmente estruturada (se comparada com a

família da “ralé”), na qual vêm ao mundo e são criados. [...] Por meio de pensamentos, sentimentos e ações que são decorrentes das disposições [autocontrole, disciplina e comportamento e pensamento prospectivo]<sup>25</sup> que ele incorporou ao longo de sua trajetória de vida. (Souza, 2010: 104).

E, na visão do autor, é esse “capital familiar” que faz com que os batalhadores sejam os primeiros beneficiários potenciais dos projetos de capacitação e de ampliação de oportunidades. Mostraram que se podem resgatar porque já começaram a resgatar-se por conta própria. [...] Devem ser os primeiros destinatários das iniciativas de capacitação não por uma lógica de caridade (em que o critério é quem sofre mais), senão por uma lógica de eficácia transformadora (para a qual o critério é quem pode mais). (Souza, 2010: 11).

Assim, para Souza (2010), tais disposições incorporadas pelos batalhadores, via “capital familiar”, são funcionais no contexto do capitalismo financeiro.

Retornando ainda a essa narrativa do HGPE do dia 14 de setembro, ocorre-nos que a fala do locutor: “Airton fez o curso do Próximo Passo, tornou-se pedreiro, abriu mão do Bolsa Família e construiu uma nova vida” em contiguidade com a outra frase: “Airton sabe: com Dilma o Brasil vai continuar sendo um país mais justo”, parece-nos indicar uma reiteração – já mencionada por ocasião da análise da narrativa de Luana Paranhos – de que, ali no HGPE, era importante frisar que a oportunidade de capacitação e desligamento do Bolsa Família deveria ser vista como sinal do sucesso desse programa, em termos da implementação da justiça social.

No entanto, no mesmo programa do dia 26 de agosto – com a informação de que mais de dois milhões de famílias já haviam se desligado do Bolsa Família e com o relato de Luana Paranhos – é apresentada a narrativa da costureira Marilane Dantas, beneficiária do Bolsa Família e do microcrédito do Banco Nordeste, que tem a intenção de devolver o Bolsa Família. Ou seja, ela não pode ser apresentada pelo locutor como Luana Paranhos e Airton Rabelo, como alguém que já teria se desligado desse programa. A fala de Marilane é apresentada em sequência ao quadro “Brasil dos Recordes” apresentado naquele dia:

**Marilane Dantas:** Eu trabalhava, né? Me vi num momento em que minha mãe adoeceu e eu tive que parar de trabalhar e tomar conta da minha mãe. E quando eu voltei para o mercado, após dez anos, não encontrei mais oportunidade (sic).

**Locutor:** Sem emprego, Marilane foi socorrida pelo Bolsa Família e pelo microcrédito do Banco Nordeste<sup>26</sup>. Começou a costurar, formou uma clientela e, hoje, já decidiu: vai abrir mão do Bolsa Família.

**Marilane:** Eu quero passar pra outra pessoa [diz ela, na máquina, costurando]. Eu que-

25 Esse é o ponto central no qual o autor estabelece sua diferença com relação a Roberto DaMatta – que a seu ver imagina a sociedade funcionando sem determinações estruturais. Para Souza (2010) tais disposições incorporadas pelos batalhadores, via “capital familiar”, são funcionais no contexto do capitalismo financeiro e flexível.

26 O Programa de Microcrédito do Banco do Nordeste, que tem o sugestivo nome fantasia “Crediamigo”. de acordo com Neri (apud Dantas, 2010) “cobre 60% do mercado nacional de microcrédito, gera aumento de lucro de seus clientes, como empresas formais de fundo de quintal, mercearias etc, de 13% ao ano. [...] é o crédito produtivo popular, fundamental para o espírito empreendedor de baixa renda”.

ro chegar lá e dizer: Olha, eu vim devolver meu Bolsa Família porque ele foi de grande proveito na minha vida. Eu soube aproveitar ele. Graças a Deus, ele me ajudou muito. Foi uma luz. E eu vim aqui trazer essa luz pra iluminar outras famílias.

**Locutor:** Marilane é um exemplo desse Brasil que, com Lula, se tornou mais justo e solidário.

**Marilane:** A comunidade chama Lula de Pai, entendeu? Porque foi um homem que se preparou para isso. Pra dirigir o seu país. Mas pensando na igualdade. Pensando na classe lá em baixo. Ele entrou com essa luz pros pobres. O pai do povo é ele. E eu espero que Dilma Rousseff seja a mãe do povo (sic). (HGPE 26/8)

De início, cabe realçar como a intenção de Marilane em devolver o benefício é tratada como um gesto de solidariedade, de responsabilidade recíproca: governo e sociedade. Ao mesmo tempo, ocorre-nos que Marilane, como empreendedora, diferentemente de Luana e Airton que conseguiram emprego, demandava que o governo continuasse cumprindo o seu papel de “pai do povo”. De modo interessante, essa narrativa de Marilane corrobora o que Souza (2010) concluiu em seu estudo empírico realizado sobre a “nova classe média”, denominado por ele de nova classe trabalhadora:

Se o imaginário social mais amplo é perpassado pelo tema do “empreendedorismo” e pelo mote “seja empresário de si mesmo”, esse canto da sereia, abraçado com gosto e sofreguidão por frações significativas das classes média e alta, não parece ter o mesmo apelo no que estamos chamando de nova classe trabalhadora. Sua proximidade de fato com os setores mais destituídos na estrutura de classes brasileira torna-a mais sensível à necessidade de ajuda do Estado e de políticas compensatórias. (Souza, 2010: 327).

Entretanto, ocorre-nos que, naquele momento, poder afirmar que dois milhões de famílias estavam se desligando do Bolsa Família por terem conseguido construir uma nova vida mostrava-se relevante para consolidar o programa como uma política de transferência de renda não clientelista ou uma “Bolsa Esmola”; uma política meramente assistencialista, como apregoado por parcela significativa da mídia em 2006. Com esse dado, ancorado nos testemunhos de Luana Paranhos e Airton Rabelo, era possível sustentar as afirmações reiteradas no HGPE de Dilma Rousseff: “Um Brasil que cresce e distribui renda”, “Um país mais forte e mais justo” ou “Um Brasil que aprendeu a crescer com inclusão social e distribuição de renda”.

Nas narrativas apresentadas anteriormente de Luana Paranhos e Airton Rabelo, o discurso político eleitoral ancorou-se na centralidade da capacitação dentro da lógica do mérito. No entanto, a narrativa de Izaque dos Santos, supervisor de logística, exibida no dia 2 de setembro, chamou-nos a atenção por focar na oportunidade de emprego gerada pelo governo em termos de mudança de posição social e, com ela, de obtenção de autoestima e reconhecimento social:

**Dilma:** E uma das coisas mais bonitas no Brasil hoje é que todos têm a oportunidade de subir na vida. Esse exemplo que a gente vai mostrar vem lá do Estaleiro Atlântico Sul, Pernambuco.

**Locutor:** Izaque era cortador de cana. Um tempo que ele lembra com angústia.

**Izaque:** Saber que na casa da minha mãe tava faltando as coisas sem poder fazer nada. Poxa, eu tenho que crescer logo, tenho que crescer pra ajudar minha mãe, não posso ver minha mãe numa situação dessa, não. Hoje [diz chorando]: Hoje, tô aqui, né (sic)?

**Dilma:** O Izaque ajuda a construir navios. Ele subiu na vida. Assim como a nossa indústria naval que, antes, estava praticamente falida e, hoje, já é uma das maiores do mundo.

**Izaque:** Quando vou pra casa da minha mãe no interior, é um orgulho só. O pessoal fica perguntando, puxa, o cara trabalha no estaleiro, aquela empresa grande, eu já vi passar na televisão, já, puxa, que orgulho, hem? Parabéns! É uma felicidade, quando eu chego no interior é só alegria (sic). (HGPE 2/09).

Em texto muito esclarecedor, Mendonça (2011) auxilia-nos na compreensão da valorização atribuída por Dilma Rousseff – e seus estrategistas – a esse testemunho de Izaque dos Santos, com forte apelo sensorial. O autor salienta que a estima social é um dos domínios no qual o reconhecimento se constrói de acordo com Honneth:

A possibilidade de *estima social* está enraizada na comunidade de valores e diz respeito à apreciação das potenciais contribuições sociais e das realizações de indivíduos. Tal possibilidade está no cerne da noção de *autoestima* e da construção da solidariedade. “Na sociedade moderna, as condições para a autorrealização individual só estão socialmente asseguradas quando os sujeitos podem vivenciar o reconhecimento intersubjetivo não apenas de sua autonomia pessoal, mas também de suas necessidades específicas e capacidades particulares. (Honneth, 2003: 189)<sup>27</sup>. [...] Cabe ressaltar que, embora Honneth, às vezes, fale de grupos, sua noção de estima está centrada no indivíduo (Thompson, 2006; Neves, 2005)<sup>28</sup>. Isso fica claro em seus textos mais recentes, que se focam na ideia de *achievement* (realização) e a ligam à esfera do trabalho. (Mendonça, 2011: 68, grifos nossos).

Por fim, importa ressaltar que se consideram o ponto alto do HGPE de Dilma Rousseff os relatos biográficos apresentados por diversos “guerreiros”; embora no âmbito deste artigo tenha sido privilegiado a apresentação de apenas quatro. Daí ocorre-nos que o discurso da “igualdade de oportunidades” tenha demandado a ênfase no uso da modalidade narrativa – em detrimento do discurso argumentativo – afinal, histórias de sucesso e do modo como se “subiu na vida” só podem ser relatadas em primeira pessoa. Como salienta Arfuch (2010), testemunhos e histórias de vida podem ser vistos como cumprindo a função de ancoragem no tempo presente: em especial, naquele particular contexto econômico de 2010.

### **Dilma Rousseff e a retórica midiaticizada da “igualdade de oportunidades” e da opção pelos pobres**

De início, cabe sublinhar que, neste tópico, optou-se por restringir a análise a um bi-

27 O autor refere-se ao texto: Honneth, Axel. Redistribution as recognition: a response to Nancy Fraser. In: Fraser, Nancy; Honneth, Axel. Redistribution or recognition: a political-philosophical Exchange. Londres/Nova York: Verso, 2003: 110-97.

28 O autor refere-se aqui aos textos: Thompson, Simon. The political theory of recognition: a critical introduction. Cambridge/Malden: Polity, 2006 e NEVES, Paulo Sérgio da C. Luta antirracista: entre reconhecimento e redistribuição. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, 20 (59) 2005: 81-96.

ografema<sup>29</sup> de Dilma Rousseff veiculado em seu HGPE. Por considerá-lo exemplar do modo como Dilma constrói o discurso da igualdade e de sua opção pelos pobres.

Em seu segundo programa do HGPE, Dilma Rousseff, em um relato autobiográfico, narra uma experiência de sua infância. São exibidas uma sequência de fotos em preto e branco de Dilma criança e, em off, ela narra:

Teve uma cena na minha infância que lembro perfeitamente. Apareceu um menino na porta da minha casa querendo comida. E aí ele falou para mim que não tinha nada. Eu tinha uma nota de dinheiro. Ai eu peguei ela, rasguei e dei para ele e fiquei com a metade. Inclusive minha mãe dizia assim: que burrice, como você foi fazer isso de rasgar a nota? Não vale nada. Não adianta isso (sic). (HGPE 19/08)

Depoimento esse que, a princípio, soa meio solto. Até que seis minutos e 46 segundos depois, é mostrada a seguinte sequência que lhe dá sentido:

**Locutor:** Com o trabalho de Lula e Dilma, surge um novo Brasil. Um país que cresce e distribui renda ao mesmo tempo. Um país mais forte, mais justo.

Dilma: Para você fazer isso, para você achar que tem de mudar o seu país. Você tem que ter uma relação afetiva com seu povo. Você tem que, ou seja, tem que te incomodar afetivamente [batendo com a mão no peito], não é só racionalmente, afetivamente, a pobreza. Afetivamente, criança sem recurso. E a mim, sempre, afetivamente me tocou muito uma coisa aqui, que eu vi muito: a humildade do povo. O Lula deu a certeza pra eles que era obrigação do Estado fazer isso, que não era esmola nenhuma. Como é que esse país não ia fazer aquilo? Então, eu acho que isso é uma forma de respeito. Eu acho que nós demonstramos através de práticas que nós respeitamos o povo brasileiro (sic) [...] (HGPE 19/08)

No dia 30 de setembro, último dia de campanha do primeiro turno, no HGPE televisivo de Dilma, presenciou-se o desfecho dessa emblemática manobra discursiva. Lula, investido da autoridade de presidente – sentado em seu gabinete, de terno e com insígnia da Presidência na lapela – diz em tom solene: “Você que acredita em mim e acha bom o meu governo. Não tenha dúvida. Vote na Dilma. Igual a mim, a Dilma gosta dos pobres, respeita a vida, a paz, a liberdade e as liberdades [...]”

Considera-se esse biografema de Dilma Rousseff – que ancora simbolicamente a fala final de Lula: “Igual a mim, Dilma gosta de pobres” – uma complexa e bem planejada estratégia de construção da imagem de Dilma como candidata de esquerda que preza a igualdade e se compadece com os pobres desde criança. Aliás, é esta a função do recurso ao biografema: estabelecer uma linearidade, a preocupação de Dilma com os pobres deveria ser vista como um dom. Ela, desde pequena, incomoda-se afetivamente com os pobres. Daí ela se igualar a Lula, que também “gosta de pobre”. Nesse caso, optou-se, claramente, por uma retórica midiaticizada que possibilitasse demonstrar a presença de tal dom. Sacramento (2009) esclarece que:

29 Adota-se aqui a noção de biografema proposta por Décio Pignatari: “possível elemento unitário e básico da biografia [...] Os biografemas todos são armados num bastidor biográfico, em função de um certo design, um interpretante-objeto a que chamaríamos de ‘significado’ da vida em questão.” (Pignatari, 1996: 13-14).

As tecnologias discursivas de que se vale a retórica midiaticizada correspondem a um conjunto de técnicas e recursos especiais que são usados estrategicamente para ter efeitos particulares sobre o público, garantindo a validade de seus discursos. [...] Tudo isso se trata, portanto, de um esforço de substituição da imaginação pela exibição. Assim, a demonstração [...] é ela mesma mais do que o indício do real, é *um*, real concorrendo para ser *o* real. (SACRAMENTO, 2009: 206-207)

Com base no autor, postula-se aqui que o relato autobiográfico de Dilma, ancorado em suas fotos da infância, foi o recurso, em termos de estratégia, de enunciação para produzir a verossimilhança. Mas e sobre o enunciado? Qual o sentido do ato de Dilma? Por que rasgar a nota de dinheiro e não doá-la à criança que lhe pedia comida? Por meio da leitura do texto intitulado “Política de interesses, política do desvelo” de Luiz Felipe Miguel (2001), conseguimos decifrar o enigma. Esclarece-nos o autor:

A política democrática exige igualdade, uma igualdade que inclui no cálculo o próprio sujeito, com suas carências e seus interesses, em vez de [...] anulá-lo em prol do outro. O altruísmo de tipo republicano seria o de São Martinho, que, ao ver um mendigo passando frio, cortou seu manto em dois e ficou com uma metade, entregando a outra ao necessitado. Dar o manto inteiro ao mendigo seria fazer de si próprio um novo desabrigado. Negar as próprias necessidades não é instaurar uma sociedade mais igualitária, é apenas inverter a subalternidade. (Miguel, 2001: 262)

De modo curioso, o que antes se considerou um relato autobiográfico potente ganha também o estatuto de parábola. Por analogia, buscou-se comparar Dilma a São Martinho. De acordo com Pinto (2009: 45), as parábolas são na atualidade recursos retóricos utilizados na elaboração de notícias ou peças publicitárias nas quais o autor “não quer ou não pode afirmar nada com todas as letras”.

### **Considerações finais**

De início, cabe salientar que o mote da campanha eleitoral de Dilma Rousseff – a mudança, a mobilidade social presenciada no Brasil naquele ano de 2010, simbolizada pela emergência de uma “nova classe média” – sinaliza bem a opção por privilegiar, no discurso político da candidata, o retrato daquele momento: a inclusão social propiciada com o aumento do emprego com carteira de trabalho assinada e, decorrente daí, o aumento do poder de compra de boa parcela dos brasileiros.

Entretanto, no entendimento que foi possível obter nas reflexões feitas ao longo do texto, a defesa da “oportunidade de inclusão produtiva”, apresentada como o caminho escolhido pelo governo Lula para tirar da miséria os adultos, acabou por resultar em uma defesa da igualdade de capacidades e em uma valorização das vantagens individuais alcançadas, sobretudo, por ex-beneficiários do programa Bolsa Família. Ou seja, não se observou nas falas dos “guerreiros”, além do acesso à qualificação profissional, o testemunho de conquistas coletivas tais como saneamento básico, saúde, transporte e segurança.

## Referências

- ALMEIDA, J. (2002). Marketing político, hegemonia e contra-hegemonia. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; Xamã.
- ARFUCH, L. (2010). O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- BURKE, P. (1994). A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- BOBBIO, N. (2001). Direita e esquerda. São Paulo: UNESP.
- BOBBIO, N. (2000). Teoria geral da política: a filosofia política e as lições dos clássicos. Rio de Janeiro: Campus.
- CANCLINI, N. G. (1995). Consumidores e cidadãos. Conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- CANDIDO, A. (2002). Prefácio. En: Paraná, D.: Lula, o filho do Brasil. São Paulo: Editora Perseu Abramo.
- DANTAS, F. (2010). Demos os pobres ao mercado. É hora de dar o mercado aos pobres. O Estado de São Paulo, São Paulo. Especial Desafios do Novo Presidente: H10-H11.
- FAUSTO, R. (2011). “Esquerda/direita: á procura dos fundamentos e reflexões críticas (1ª parte). Revista Fevereiro, 3. Disponível em: < <http://www.revistafevereiro.com/index.html> > Acesso em: 10/07/2012.
- MACIEL, F. (2006). Todo trabalho é digno? Um ensaio sobre a moralidade e reconhecimento na modernidade periférica. En: Souza, J. (Org.). A invisibilidade da desigualdade brasileira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 285-322.
- MENDONÇA, R. F. (2011). A dimensão intersubjetiva da autorrealização: em defesa da teoria do reconhecimento. En: Marques, Â.; Matos, H. Comunicação e política: Capital social, reconhecimento e deliberação pública. São Paulo: Summus, 65-81.
- MIGUEL, L. F. (2001). Política de interesses, política do desvelo. Estudos Feministas. 9.
- MIGUEL, L. F. (2002). A palavra “aperfeiçoada”, o discurso do Partido dos trabalhadores nas eleições de 2002. En: Lemos, A.; Berger, C.; Barbosa, M. (Orgs.) Narrativas midiáticas contemporâneas. Porto Alegre: Sulina.
- NERI, M. (2008). A Nova Classe Média. Rio de Janeiro: CPS/IBRE/FGV.
- NERI, M. (2010). A nova classe média. O lado brilhante dos pobres. Rio de Janeiro: CPS/IBRE/FGV.
- PARANÁ, D. (2002). Lula, o filho do Brasil. São Paulo: Editora Perseu Abramo.
- PIGNATARI, D. (1996). Para uma semiótica da biografia. En: Hisgail, F. (Org.). Biografia: sintoma da cultura. São Paulo: Hacker Editores: Cespuc.
- PINTO, M. J. (2009). Retórica e análise de discursos. En: Lopes, F. L.; Sacramento, I. (Orgs.). Retórica e Mídia: estudos ibero-brasileiros. Florianópolis: Insular.
- SACRAMENTO, I. (2009). A retórica na sociedade midiaticizada: a força-índice” do verossímil. En: Lopes, F. L.; Sacramento, I. (Orgs.). Retórica e Mídia: estudos ibero-brasileiros. Florianópolis: Insular.
- SODRÉ, M. (2006). As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ: Vozes.
- SOUZA, J. (2003). (Não) reconhecimento e subcidadania, ou o que é “ser gente?”, Lua Nova, 59.
- SOUZA, J. (2010). Os batalhadores brasileiros. Nova classe média ou nova classe trabalhadora? Belo Horizonte: UFMG.